

Vítima da hantavirose pressentiu a morte

RENATO ARAÚJO

Viúva conta drama de agricultor morto em Brazlândia

Exatamente 24 horas antes de morrer, o agricultor Silvestre Almeida Rocha, 38 anos, residente no assentamento Gabriela Monteiro, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), na zona rural de Brazlândia, reuniu sua mulher e seus sete filhos e disse: "Estou com a doença do rato. Vou me deitar para esperar a morte". Era noite do dia 7 de julho. Silvestre morreu no dia seguinte, às 22h40, na emergência do Hospital Regional de Brazlândia (HRB).

Antes de morrer, ele procurou o hospital da cidade duas vezes. Os médicos não suspeitaram da contaminação. Foi receitada ao agricultor uma caixa de antibióticos para combater uma possível infecção intestinal. "Na segunda vez em que ele esteve no HRB, os médicos quiseram aplicar uma injeção de Benzetacil, mas Silvestre não permitiu que o medicamento fosse aplicado", disse a viúva, Maria Joseneide, 29 anos.

Joseneide lembra que a premonição do seu marido foi logo descartada por ela. "Disse para ele esquecer a hipótese de hantavirose, pois tudo não devia passar de uma simples gripe", conta.

ESPANTO - Ontem à tarde, a viúva lavava roupas em um córrego próximo de sua casa enquanto era entrevistada. Na companhia dos dois filhos mais novos - um menino de 1 ano e uma menina de 3 -, ela demonstrou espanto com a velocidade com que a doença matou seu marido.

"Ele começou a apresentar os sintomas na quinta-feira, três dias antes de morrer. Primeiro vieram os enjoos, depois dores musculares e uma febre muito forte, que não dava trégua", relatou a sem-terra, lembrando que então houve a internação no HRB.

O local onde a família do agricultor mora é cercado por florestas e abriga cerca de 150 famílias que vivem do plantio

de grãos e verduras. De acordo com Joseneide, o marido teria sido contaminado no novo trabalho que encontrou para sustentar a família: debulhar e armazenar em casa dezenas de sacos contendo grãos de milho. "Ele estava guardando os sacos aqui na porta de casa e acredito que o milho atraiu os ratos. Alguns sacos amanheciam furados. Acho que os ratos urinavam e deixavam fezes e meu marido acabou se contaminando nessa hora", acredita a mulher.

Desamparada e com sete filhos para sustentar, Joseneide só conta agora com a ajuda da família. Um dos primos de Silvestre, Altamiro de Almeida, foi ontem ao assentamento levar roupas e mantimentos.

"Também somos pessoas humildes e não podemos ajudar com muito. Mas em uma hora de desespero como essa, qualquer ajuda já conta muito", disse Altamiro, que preparava-se para levar uma das filhas de Silvestre à escola.



Joseneide com dois dos sete filhos: ajuda para sobreviver